

**PARA ALÉM DAS TRAÇAS:
DESDOBRAMENTOS CONTEMPORÂNEOS
DAS PESQUISAS FILOLÓGICAS**

Luiz Eleildo Pereira Alves (UECE)
eleildoa@gmail.com

Expedito Eloísio Ximenes (UECE)
eloisio22@hotmail.com

Hugo Leonardo Gomes dos Santos (UECE)
prof.hugoleo13@gmail.com

RESUMO

Este trabalho objetiva discutir questões referentes às novas tendências de pesquisas filológicas que vêm incorporando cada vez mais um caráter multidisciplinar ao lado dos estudos linguísticos. A nosso ver, os estudos contemporâneos têm dado conta de sanar a antiga querela que alguns estudiosos insistentes ainda faziam entre filologia e linguística, demonstrando, assim, que essas ciências podem dialogar pacificamente. Assim, a discussão que aqui trazemos se ancora nos trabalhos apresentados por membros do grupo PRAETECE na X Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa, ocorrida em 2015, na qual esses pesquisadores apresentaram seus estudos ligados ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE), propondo diversas interfaces entre a filologia e os demais estudos do campo linguístico. Fazem parte desse leque de pesquisas, estudos do léxico atrelados às ferramentas computacionais; estudos da linguística textual, com base nos processos referenciais; e pesquisas de gêneros do discurso sob o viés das correntes sociorretóricas. Todos esses estudos têm como princípio a edição de manuscritos referentes ao período colonial cearense e, através de uma concepção mais moderna de língua, levantam uma discussão a respeito dos desdobramentos contemporâneos das pesquisas filológicas.

Palavras-chave: Filologia. Linguística. Interdisciplinaridade.

1. Introduzindo a discussão

Desde sua gênese, a prática filológica está fortemente ligada ao passado de um povo, sua cultura, suas tradições e seu modo de pensar, tudo isso manifestado através da língua escrita. Frequentemente, quando ouvimos falar do *labor filológico*, lembramo-nos apenas do estudo comparativo das línguas, desenvolvido sobretudo, no século XIX, ou de forma mais restrita, da atividade de edição de textos, reduzindo essa atividade a uma concepção estanque. No entanto, o fazer filológico é muito mais dinâmico e pode abranger diversas áreas da língua e também do âmbito extra-linguístico.

Neste ponto, é conveniente para nós ressaltarmos que ainda existem alguns conflitos a despeito do problema da própria concepção de filologia. Sobre esta questão vale citar aqui as definições apresentadas no dicionário *Houaiss* (2001), que satisfaz uma amplitude assaz importante para as atividades desenvolvidas sob diversos vieses.

1. estudo das sociedades e civilizações antigas através de documentos e textos legados por elas, privilegiando a língua escrita e literária como fonte de estudos.
2. estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos.
3. estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, em especial a pesquisa de sua história morfológica e fonológica baseada em documentos escritos e na crítica dos textos redigidos nessas línguas (p.ex., filologia latina, filologia germânica etc.); gramática histórica.
4. estudo científico de textos (não obrigatoriamente antigos) e estabelecimento de sua autenticidade através da comparação de manuscritos e edições, utilizando-se de técnicas auxiliares (paleografia, estatística para datação, história literária, econômica etc.) esp. para edição de textos.

As definições apresentadas pelo dicionário levam-nos a perceber que a prática filológica é vista a partir de dois clássicos campos de alcance: *o estudo comparativo das línguas* (acepção 3) e *o estudo crítico dos textos e das sociedades* (acepções 1, 2 e 4). Tais definições aproximam-se do que propõe Santiago-Almeida (2011, p. 1-2), para quem a filologia é vista com base em dois sentidos, um *lato* e outro *stricto*:

No sentido mais amplo (*latu sensu*), a filologia dedica-se ao estudo da língua em sua amplitude – linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico etc. –no tempo e no espaço, tendo como objeto de estudo o texto escrito, literário e não-literário. [...]

No sentido mais estreito (*stricto sensu*), a filologia se concentra no texto escrito, primordialmente literário, para estabelecê-lo, fixá-lo, restituindo-lhe à sua genuinidade, e prepará-lo para publicação.

Na tentativa de também estabelecer uma definição de filologia, Dubois et al. (2014, p. 258) afirmam que esta é: “uma ciência histórica que tem por objeto o conhecimento das civilizações passadas através dos documentos escritos que elas nos deixaram; estes nos permitem compreender e explicar as sociedades antigas”.

Mesmo com as diferentes concepções apresentadas para o termo filologia, é inegável que esta é uma ciência que sempre se preocupou com a linguagem em suas diversas manifestações: na produção literária,

nos costumes, nas lendas, nas tradições, nas leis e na organização social de um povo em todas as épocas e lugares. Neste aspecto, compreendemos que até mesmo se tomada sob o prisma puramente literário, a filologia não deixa de ser uma ciência da linguagem, pois é através da linguagem que os homens se organizam e estabelecem relações sociais; não podemos analisar um texto literário sem passar pelo campo da linguagem, dos elementos semióticos e estilísticos que constituem esse texto. Assim, podemos afirmar que desde o ato de editar um texto de testemunho único à atividade de edição crítica de um texto com vários testemunhos o foco do filólogo é sempre a língua e suas modificações por razões sejam elas sociais ou espaço-temporais.

Entendemos que, pensando dessa forma, estamos coerentes ao pensamento de Said-Ali (2007), pois também acreditamos que:

uma verdadeira leitura filológica é ativa; implica acreditar no processo da linguagem já em funcionamento nas palavras e fazer com que revele o que pode estar oculto, incompleto, mascarado ou distorcido em qualquer texto que possamos ter diante de nós. Nessa visão da linguagem as palavras não são marcadores significantes passivos que representam despreziosamente uma realidade mais elevada, mas antes uma parte formativa integrante da própria realidade. (SAID-ALI, 2007, p. 82-83, grifo nosso)

Ao compreendermos essa estreita relação entre linguagem e filologia, achamos seja possível dissolver os limites entre esses campos de estudos que há tempos vêm sendo tomados como distintos, pois para nós, essas ciências dialogam pacificamente. Tal afirmação, já defendida por Said-Ali (2007) pode ser atestada em recentes trabalhos filológicos que buscam, através da exploração dos fenômenos linguísticos, analisar textos oficiais e literários, descobrindo-se, assim, diversas possibilidades de contribuição para outras áreas das ciências humanas pelo próprio caráter interdisciplinar que a filologia possui.

No Brasil, por exemplo, grande parte dos estudos filológicos voltam-se para os textos oficiais produzidos no período colonial que são encontrados espalhados em arquivos públicos das antigas capitanias. Tais textos registram fatos históricos de quando o europeu lusitano aqui fez morada e instituiu sua religião, seus costumes e, principalmente, sua língua.

Em alguns estados do Brasil, como na Bahia, no Rio de Janeiro e

em São Paulo, diversos filólogos ligados a grupos de pesquisas²¹ detêm sua atenção na edição e preservação de documentos importantes para nossa história, além de realizarem estudos dos aspectos linguísticos desses textos. No Ceará, o grupo do qual fazemos parte – PRAETECE – Práticas de Edição de Textos do Estado do Ceará, já possui diversas pesquisas com a mesma proposta. Ximenes (2004; 2006; 2009; 2013), Loiola (2014) e Josino (2015) e outros são exemplos de pesquisadores que se detiveram, a partir de edição semidiplomática de manuscritos referentes ao período colonial cearense, ao estudo dos aspectos linguísticos nesses documentos.

Foi refletindo sobre as questões anteriormente apresentadas que desenvolvemos este trabalho, objetivando discutir aspectos referentes às novas tendências de pesquisas filológicas que vêm incorporando cada vez mais um caráter multidisciplinar ao lado dos estudos linguísticos. A discussão que aqui realizamos ancora-se nos trabalhos apresentados por membros do grupo PRAETECE na X Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa, ocorrida em 2015, na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central da Universidade Estadual do Ceará (FECLESC-UECE),²²na qual esses pesquisadores apresentaram seus estudos ligados ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE), propondo diversas interfaces entre a filologia e os demais estudos do campo linguístico. Fazem parte desse leque de pesquisas os seguintes trabalhos: estudos do léxico atrelado às ferramentas computacionais; da linguística Textual, como o estudo dos processos referenciais e das pesquisas de gêneros do discurso sob o viés das correntes sociorretóricas. Todos esses estudos têm como base a edição de manuscritos referentes ao período colonial cearense e, através de uma concepção mais moderna de língua, levantam uma discussão a respeito dos desdobramentos contemporâneos das pesquisas filológicas.

²¹Destaque-se os trabalhos desenvolvidos pelo grupo Para a História do Português Brasileiros (PHPB), que possui membros desenvolvendo pesquisas em quase todos os estados do país.

²²Salientamos que esse evento foi promovido pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos e ocorreu simultaneamente em diversas unidades acadêmicas em todo o Brasil, no dia 5 de novembro de 2015, em comemoração ao “Dia Nacional da Língua Portuguesa”. No Ceará, o evento aconteceu na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central da Universidade Estadual do Ceará (Feclesc-UECE), sob a coordenação local dos Profs. Drs. Expedito Eloísio Ximenes e Júlio César Dinoá do Nascimento.

Assim, para sistematizar o percurso que trilhamos neste trabalho, apresentamos, na seção a seguir, nosso ponto de partida, em que lançamos um olhar para o passado dos estudos filológicos, buscando compreender de onde viemos. Em seguida, discutimos como atualmente têm se encaminhado as pesquisas no âmbito filológico-linguístico e, por fim, ousamos vislumbrar o futuro das pesquisas nos campos da linguística e da filologia a fim de prevermos o lugar aonde iremos que, cremos nós, pode ser cada vez mais longe.

2. De onde viemos

Como já salientamos na introdução deste artigo, o papel e a definição de filologia sempre foram muito controversos entre os estudiosos que em um momento a tomam em seu caráter *stricto* e em outro em seu caráter *lato* (conforme vimos em Santiago-Almeida (2011)). Porém, apesar das incertezas quanto à precisão do termo, é inegável que a filologia ocidental tem seu berço entre os povos gregos, por volta do século III a.C. Naquela época, o labor filológico tratava da leitura e da edição dos poemas homéricos e tinha como finalidade preservar e divulgar esses textos.

Câmara Júnior (1975) ressalta que essa atividade de edição dos textos dos antigos poetas da Grécia, principalmente Homero, se fazia muito necessário, pois a literatura grega usava dialetos locais. Assim, a atividade dos filólogos era também a de estudar as fases da língua grega, comparar esses dialetos e produzir um manuscrito mais ou menos consensual através de um grande processo de crítica textual e dos estudos de caráter comparativo. Segundo o referido autor, os principais filólogos do período alexandrino foram Zenodoto, Aristarco e Apolônio Díscolo (CÂMARA JÚNIOR, 1975, p. 27).

A Biblioteca de Alexandria era o grande centro ocidental das pesquisas filológicas. Borges e Souza (2012) afirmam, que Alexandria, dentre as tradições culturais que desenvolveram “práticas filológicas”, foi a que mais se destacou, chegando a se tornar parâmetro para os intelectuais do humanismo renascentista, por volta do século XVI, na Europa. De acordo com Auerbach (1972),

os esforços dos humanistas se orientavam no sentido de estudar e imitar os autores da antiguidade grega e latina, e a escrever num estilo semelhante ao deles, quer em latim, que ainda era a língua dos eruditos, quer em sua língua materna. (AUERBACH, 1972, p. 12)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A tarefa dos humanistas era, então, encontrar os manuscritos que ainda existissem, compará-los e tentar extrair o texto original, “aquele redigido pelo autor”. Tal trabalho se fazia pertinente porque, na atividade de copiar à mão inúmeros textos, os erros de cópia eram muito comuns, muitas vezes por uma atitude involuntária do copista, que ao tirar os olhos da folha acabava perdendo uma palavra (o salto-bordão), ou mesmo por uma atitude maliciosa de quem queria realmente alterar o manuscrito.

Assim, a tendência dos estudos filológicos ainda no século XVI era muito parecida com aquela atividade exercida pelos helenísticos, em Alexandria. Essa forma de unicamente pensar a atividade filológica perdurou até o século XIX, passando pelo surgimento do método de edição crítica de Karl Lachman, durante os anos finais do século XVIII, até as críticas feitas por Bédier e Quentin. Percebemos que esses estudiosos ainda tinham uma latente preocupação com a preservação do “sentido” do texto ideal. Aquele que não estaria corrompido. “Portanto, caberia ao filólogo resgatar esse sentido verdadeiro”. (BORGES & SOUZA, 2012, p. 16)

No início do século XX, a atividade de edição de manuscritos foi lançada ao ostracismo e, em seu lugar, emergiram a linguística e a literatura como as ciências do século. A partir de então, a filologia passa a ser concebida puramente como uma atividade de crítica textual, e os estudos literários vão se voltar para a crítica das estruturas textuais. Como exemplo, podemos citar o *Formalismo Russo* e o *New Criticism* (BORGES E SOUZA, 2012).

No final do século XX, Erich Auerbach define filologia como: “conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do homem e das obras de arte escritas nessa linguagem” (AUERBACH, 1972, p. 11). Para o autor, “como se trata de uma ciência muito antiga, e como é possível ocupar-se da linguagem de muitas e diferentes maneiras, o termo filologia é muito amplo e abrange atividades assaz diversas” (AUERBACH, 1972, p. 11)

No Brasil, a partir da década de 1960, a linguística torna-se disciplina obrigatória nos cursos de letras e a atividade filológica fica restrita praticamente ao estudo de gramática histórica, voltada para as mudanças fonéticas e morfossintáticas da língua latina para a língua portuguesa.

Porém, no final do século XX, os estudos filológicos encontraram no viés interdisciplinar uma âncora para a retomada das pesquisas na

área, tendo como ponto de partida a edição de textos manuscritos. Como já dissemos em outro momento neste trabalho, esses documentos são, em grande parte, relativos aos anos iniciais de nossa colonização.

A seguir, exemplificamos através de alguns trabalhos apresentados durante a *X Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa* como a filologia vem atualmente estabelecendo interfaces com outras áreas da ciência linguística.

3. *Onde estamos*

Conforme dissemos, dentro do atual mosaico das pesquisas filológicas no Brasil, diversos estudos buscam, através da edição de manuscritos e do estudo de aspectos linguísticos desses textos, conservar a história dos anos iniciais de nossa colonização. Especificamente no grupo PRA-ETECE, diversas pesquisas voltam-se para esse fim. Como exemplo, podemos citar a edição e o estudo linguístico dos *Autos de Querela e Denúncia* estudados por Ximenes (2004; 2006; 2009; 2013); o viés do estudo lexicográfico realizado por Nunes (2014) a partir do mesmo *corpus*; a edição e o estudo fraseológico dos autos de arrematação da Vila de Sobral realizados por Josino (2015); o estudo dos aspectos formais e linguísticos em editais do século XVIII realizado por Loiola (2014); dentre diversas outras pesquisas que visam relacionar as teorias linguísticas à prática de edição filológica de manuscritos. No Brasil inteiro trabalhos dessa natureza vêm sendo realizados dando um caráter de renovação e outras perspectivas aos estudos filológicos. Também há muitas atividades de crítica textual no sentido mais próximo do método lachmanniano e outras que abordam o processo genético de obras literárias.

Podemos afirmar que os estudos filológicos e linguísticos no Brasil, embora recentes, têm encontrado um amplo caminho exploratório justamente porque os documentos são ricos em informações sobre nossos antepassados. Assim, diversas correntes científicas encontram apoio para suas análises nas informações fornecidas por esses textos.

Ximenes (2013) nos aponta que o texto escrito é o objeto de estudo da filologia, considerando que a escrita foi e tem sido, durante milênios, a principal forma de representação da história e da memória da humanidade. Ao estudar os documentos, a filologia resgata a importância dos textos, não só atestando sua autenticidade, mas também salvando-os dos estragos acometidos pelo tempo. Não podemos deixar de mencionar

que ao resgatar os textos, a filologia cumpre um papel importante, pois resgata também, grande parte da memória da humanidade.

Nesta seção, apresentamos como se tem pensando o “fazer filológico” tendo em mente que o exercício do filólogo nos dias atuais não se detém simplesmente à edição de manuscritos, mas, também, à investigação de diversas informações submersas nas entrelinhas dos grandes oceanos que são os textos.

Mas o que podemos entender por texto? Uma primeira definição que nos parece ser cara diz respeito, justamente, ao que se tem chamado de *texto* no campo dos estudos linguísticos. Atualmente, sob uma ótica sociocognitiva e interacional, esse objeto passou a ser compreendido como um “evento comunicativo para o qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais (BEAUGRANDE, 1997)”. Na esteira dessas discussões, Koch (2008, p.31) considera o texto “como o próprio *lugar* da interação e os interlocutores como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos”.

Tal percepção nos convida a reclamarmos para a filologia uma definição bem mais complexa e abrangente que a meramente referida à materialidade objetiva, ou seja, o que está escrito nos fólhos. Logo, se pensamos o texto para além dessa realidade estanque e incorporarmos a esse objeto de estudo da filologia o *status* que ele vem adquirindo, por exemplo, no âmbito da linguística textual, daremos um salto na nossa forma de vermos o trabalho filológico bem como ampliaremos enormemente seu campo de atuação.

Na mesa-redonda, cujo título denomina este artigo, apresentada durante a *X Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa*, os trabalhos apresentados visavam mostrar como a filologia pode estabelecer interfaces com outras ciências²³. O primeiro deles, intitulado “*Filologia e Linguística de Corpus: o uso do léxico religioso em relatos de crimes dos Autos de Querela do século XIX*”, apresentado por Hugo Leonardo Gomes dos Santos e Luiz Eleildo Pereira Alves, versava sobre o conteúdo posteriormente publicado em Alves; Santos e Ximenes (2015). No trabalho em questão, os autores buscaram aliar as ferramentas da linguística de *corpus* a fim de investigar como o léxico religioso está

²³Resumos da *X Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/x_jnlflp/>. Acesso em 01/08/2016.

presente nos relatos de crimes que constam nos autos de querela. Para tanto, os autores estabelecem relações entre teóricos dos estudos filológicos, como Ximenes, (2006; 2013), e da linguística de *corpus*, como Sardinha (2004).

Em suas análises, além de aspectos linguísticos e filológicos, os autores sentiram a necessidade de incorporar discussões de cunho social e contextual. Mostrando, assim, mais um viés interdisciplinar para esses estudos.

Como outra proposta interdisciplinar para os estudos filológicos, destacamos o trabalho apresentado por Luiz Eleildo Pereira Alves, sob a orientação do Prof. Dr. Exedito Eloísio Ximenes, intitulado “A recategorização dos objetos do discurso em cartas administrativas do período colonial brasileiro”. Em sua fala, o autor estabeleceu relações entre a filologia e a linguística textual, chamando a atenção, sobretudo, para as discussões a respeito dos processos referenciais implicados na leitura de cartas administrativas do século XVIII, do Ceará. O trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado em curso no PosLA/UECE e apresenta importantes discussões no que tange à relação entre filologia e linguística textual.

A terceira e última fala da mesa, propunha uma discussão a respeito da análise sociorretórica do gênero carta administrativa do século XVIII. Nessa apresentação, que também é um recorte da pesquisa de mestrado de Monique Cordeiro Martins de Sousa, orientada pelo prof. Dr. Exedito Eloísio Ximenes, a autora fez uma análise do gênero carta administrativa. O *corpus* da pesquisa é constituído por 15 cartas da capitania do Ceará do século XVIII, que tratam sobre assuntos diversos e objetivam anunciar medidas administrativas.

Destaque-se a relevância dessa pesquisa pela cuidadosa edição dos documentos realizada conforme as normas de edição do grupo PRA-ETECE, sendo, portanto, um estudo que, além de salvaguardar e conservar para a posteridades os documentos importantes para a história cearense, também estabelece relações importantes entre a filologia e a linguística aplicada, mais especificamente quanto ao estudo de viés sociorretórico de gêneros textuais.

Através dos trabalhos apresentados, pudemos ter uma noção, embora que superficial, do quanto os estudos filológicos estão, atualmente, mesclando-se a diversos outros campos de estudo linguístico, estreitando ainda mais os laços entre essas ciências, tudo isso com vistas a “fazer

com que [a análise que empregamos] revele o que pode estar oculto, incompleto, mascarado ou distorcido em qualquer texto que possamos ter diante de nós”, como reclama Said-Ali (2007, p.82).

Na sessão a seguir, levando em consideração a breve discussão que realizamos, ousamos vislumbrar possíveis caminhos para as pesquisas em filologia e linguística, a fim de apontarmos outros desdobramentos do que apresentamos neste trabalho.

4. Para onde vamos?

Por muito tempo, inúmeros estudiosos detiveram-se a segmentar o campo de ação da ciência filológica e da ciência linguística. Atualmente, quando se fala muito de pluralidade das pesquisas científicas em todos os âmbitos, já não se faz mais pertinente determo-nos a segmantações. Resta-nos, sim, aceitarmos que linguística e filologia podem caminhar *pari passu*, pois esta é uma ciência da linguagem, uma vez que, conforme já citamos, “ocupa-se metodicamente da linguagem do homem e das obras de arte escritas nessa linguagem” (AUERBACH, 1972, p. 11).

Deste modo, ao adotarmos uma perspectiva de filologia enquanto ciência interdisciplinar, podemos expandir os campos de pesquisa para estágios até agora não imaginados. Ainda há muito o que se explorar com relação a filologia e a linguística do texto; a filologia e o estudo do léxico e a filologia e o estudo de gênero. Como outras searas, podemos citar: o campo da análise do discurso, da sociolinguística, da linguística sistêmico-funcional, da polidez etc. Isso tudo no campo das ciências da linguagem, mas ainda podemos falar da relação da filologia com a história, com a geografia, com o direito, com a antropologia, enfim. Diversos outras áreas do conhecimento humano que podem encontrar nos textos antigos subsídios para suas pesquisas. Acreditamos que a filologia atualmente mostra-se renovada, apta a emergir como uma área de investigações que tem muito a dizer para todos nós pesquisadores.

Concluindo esta breve discussão, ressaltamos que não negamos aqui a atividade fundamental do filólogo que é o trabalho de recuperação de textos, nem tampouco negamos as inúmeras contribuições dos estudos comparativos para a evolução das pesquisas linguísticas. O que almejamos foi “denunciar” a emergência de uma filologia moderna, presente em áreas diversificadas, não condensada apenas nos fólhos corroídos e empoeirados. Essa filologia que ressurgir parte daí, dos fundos dos arqui-

vos, de dentro das caixas de acervos, dos livros corroídos, mas não se detém a esse estágio inicial. Essa filologia renovada, certamente, está para além das traças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Trad.: José Paulo Paes. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

ALVES, Luiz Eleildo Pereira; SANTOS, Hugo Leonardo Gomes dos; XIMENES, Expedito Eloísio. Filologia e linguística de *corpus*: o uso do léxico religioso em relatos de crimes dos autos de querela do século XIX. *Revista Philologus*, vol. 63- Supl., p. 946-960, 2015. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO21/63supl/067.pdf>>

BEAUGRANDE, Robert de. *New foundations for a science of text and discourse. Freedom of access to knowledge and society through Discourse*. Norwood: Ablex, 1997.

BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Filologia e edição de texto. In: BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de; MATOS, Eduardo Silva Dantas de; ALMEIDA, Isabela Santos de. (Orgs.). *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012, p. 15-59.

CÂMARA JUNIOR. Joaquim Matoso. *História da linguística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JOSINO, Adriana Marly Sampaio. *Edição filológica e estudo fraseológico dos autos de arrematação da vila de sobral (1817-1823)*, volume II. 2015. Dissertação (Mestrado em Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LOIOLA, Wagner Rodrigues. *Estudo dos aspectos formais e linguísticos em editais do século XVIII*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza.

NUNES, Ticiane Rodrigues. *Glossário de termos do campo lexical violência nos autos de querela do século XIX*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza.

SAID ALI, Manuel. *Investigações filológicas*. Com estudo e organização de Evanildo Bechara. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para que Filologia/Crítica textual? *Revista Acta*. Assis, vol.1, 2011, p. 1-12.

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de corpus*. Barueri: Monole, 2004.

XIMENES, Expedito Eloísio. *Os clíticos nos autos de querela do século XIX, no Ceará: edição filológica e análise linguística*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Departamento de Letras Vernáculas/Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

_____. *Autos de querella e denúncia...*: edição de documentos judiciais do século XIX no Ceará para estudos filológicos. Fortaleza: LCR, 2006.

_____. Estudo das unidades fraseológicas em documentos oficiais da administração colonial brasileira. In: IV Seminário de Estudos Filológicos, 2009, Salvador. *Anais...*, 2009.

_____. Filologia: uma ciência antiga e uma polêmica eterna (I). *Revista Philologus*, v. 52, p. 93-115, 2012.

_____. Filologia: Uma ciência antiga e uma polêmica eterna (II). *Revista Philologus*, v. 53, p. 74-91-91, 2012.

_____. *Fraseologias jurídicas*: estudo filológico e linguístico do período colonial. Curitiba: Appris, 2013.

_____. Fraseologias em documentos coloniais: a cultura religiosa luso-brasileira. In: SILVA, José Pereira da; NASCIMENTO, Luciana Marina do. (Orgs.). *Textos da memória - a memória dos textos*: homenagem à profa. Ângela Vaz Leão. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015, p. 227-236.